LUMEN ET VIRTUS

O legado de Galbinski: As premissas de projeto das edificações monumentais da biblioteca central e do restaurante universitário da Universidade de Brasília

https://doi.org/10.56238/levv15n39-019

Ana Luiza Alves de Oliveira
Universidade de Brasília, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1976-2497
E-mail: ana.luiza@unb.br

João da Costa Pantoja
Universidade de Brasília, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0763-0107
E-mail: joaocpantoja@gmail.com

Márcio Augusto Roma Buzar
Universidade de Brasília, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1164-2784
E-mail: buzar@unb.br

Rafael Santos Gonçalves de Assis Morais
Universidade de Brasília, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9497-5671
E-mail: rafaelsgam@gmail.com

RESUMO
A arquitetura foi desenvolvida de forma a atender às necessidades da sociedade. Nos primórdios a arquitetura tinha a finalidade de servir apenas como abrigos seguros, atualmente deve também promover harmonia, beleza, conforto e bem-estar. Sabendo disso, na época da construção de Brasília, pensou-se numa universidade imponente na qual a biblioteca e o restaurante fossem de igual grandeza, de modo a representar seus professores, pesquisadores, alunos e técnicos. Tal desafio coube ao arquiteto José Galbinski, que projetou duas edificações de porte monumentais: a Biblioteca Central e o Restaurante Universitário da Universidade de Brasília. Em 2016 uma entrevista em pessoa foi realizada com o Professor Dr. Galbinski em seu local de trabalho, no qual foram levantadas informações sobre o processo de criação dessas obras, focando principalmente nas suas premissas de projeto. Portanto o principal objetivo desse trabalho científico é compartilhar tais informações de quando essas obras ainda estavam apenas no plano das ideias e, também, compartilhar a história do criador José Galbinski e das suas criaturas (Biblioteca e Restaurante). De modo a quantificar o sucesso dessas premissas, questionários foram respondidos por seus usuários, que avaliaram o grau de conforto dessas construções. Esses resultados dos questionários serão explanados brevemente.

Palavras-chave: Galbinski, Premissas De Projeto, Monumentos, Biblioteca, Restaurante Universitário.

1 INTRODUÇÃO

A arquitetura foi desenvolvida de forma a atender às necessidades da sociedade. Nos primórdios, sua função era de ser um abrigo seguro para proteger os seres humanos das intempéries climáticas. Com o passar do tempo, as exigências foram se alterando e a arquitetura deixou de ter a função de ser apenas um abrigo, tornando-se também acolhimento, devendo apresentar harmonia e beleza promovendo conforto e melhores condições de habitabilidade. Ao aceitar o desafio de projetar uma casa, edifício ou monumento, o arquiteto visa o bem-estar de seus usuários.

Segundo Kowaltowski e Labaki (1993), os elementos que, ainda no anteprojeto, são manejados pelo projetista são: o volume, a forma, a distribuição dos espaços, parâmetros de dimensionamento e a localização das aberturas. Estes elementos, combinados com o entorno natural, determinam em grande parte o desempenho das edificações. Já o refinamento de detalhes, a escolha dos materiais e a inclusão de equipamentos específicos são usados para garantir um bom nível de conforto e desempenho ambiental.

Esses elementos devem ser considerados durante as premissas de um projeto arquitetônico. As premissas são os princípios fundamentais e as diretrizes que orientam o projetista durante o desenvolvimento do seu trabalho de criação, estabelecendo direcionamentos para as tomadas de decisões relacionadas à design, planejamento, escolha de materiais, entre outros.

Sabendo disso, uma entrevista foi realizada com o arquiteto José Galbinski, responsável pelo design da Biblioteca Central (BCE) e do Restaurante Universitário (RU) da Universidade de Brasília (UnB), edificações de porte monumental e que muito representa para os alunos, professores e técnicos dessa universidade que tanto influencia a ciência e a arquitetura brasileira. Além disso, questionários foram respondidos por seus usuários para avaliar o grau de conforto alcançado. Portanto, o objetivo do presente trabalho científico é compartilhar as premissas de projeto de quando essas edificações ainda estavam apenas no plano das ideias e, brevemente, comparar e explanar as percepções de seus usuários a ver se essas premissas foram cumpridas.

2 EDIFICAÇÕES MONUMENTAIS

As edificações monumentais são construções de grande porte e importância histórica, cultural ou religiosa que, em geral, são a forma de determinada sociedade expressar sua identidade, seus valores e suas crenças. Tais construções são frequentemente utilizadas como símbolos de uma época, de um povo ou de uma cultura, e carregam consigo um valor simbólico muito além do espaço propriamente edificado. Em alguns casos, esses espaços são usados como forma de propaganda ou marcos de eventos históricos importantes, servindo como elemento de preservação da memória de uma época ou de um povo e até mesmo sendo deixadas como fonte de inspiração e orgulho para as gerações futuras.

Como exemplo pode-se citar uma das maravilhas do mundo, as Pirâmides de Gizé, um dos monumentos mais emblemáticos do mundo até os dias atuais, construídas por faraós do Antigo Egito

como um símbolo do poder e da riqueza da época. Existe também o Cristo Redentor, estátua localizada no topo do morro do Corcovado, no Rio de Janeiro, construída em 1931 como representação do cristianismo e da identidade de parte da população brasileira. E, ainda, a catedral de Notre-Dame de Paris cujo incêndio em 2019 causou danos consideráveis a esse símbolo histórico.

Esses monumentos, conhecidos como patrimônio edificado, ancoram a psique da sociedade de diversas formas. Em primeiro lugar, como símbolo da identidade cultural de um povo, ajudando a compreender a história e os valores de uma sociedade e mostrando como os antepassados viviam e como pensavam. Em segundo lugar, esse patrimônio é uma fonte de inspiração e orgulho, mostrando o que uma sociedade é capaz de realizar e inspirando a ser melhores e a construir um futuro mais sólido e próspero. Por fim, o patrimônio edificado é um lugar de memória. Ele ajuda um povo a lembrar do passado e a aprender com ele, constituindo uma parte importante da herança cultural.

As edificações podem nos ajudar a nos sentirmos conectados ao passado. Isso nos dá um senso de identidade e de lugar no mundo, nos ajuda a nos sentirmos parte de uma comunidade e podem ser um ponto de encontro para as pessoas, viabilizando a criação de um senso de identidade comum.

3 MONUMENTOS NA ARQUITETURA MODERNISTA BRASILEIRA

Em 1917, em São Paulo, ocorreu o marco inicial do Movimento Modernista Brasileiro com a exposição de pinturas de Anita Malfatti. Suas obras eram inovadoras e, por isso mesmo, causaram bastante polêmica. Suas obras retratavam principalmente os personagens marginalizados dos centros urbanos, o que causou grande desaprovação das classes sociais mais conservadoras por não apresentar a pintura que remetia à perfeição como eles estavam acostumados.

Em fevereiro de 1922 aconteceu a Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo, consolidando o movimento modernista. Nela, os artistas brasileiros de diversas áreas buscavam ideias inovadoras de modo que a perfeição estética tão apreciada no século XIX era considerada ultrapassada. Os artistas almejavam sua liberdade própria de expressão. Por não seguirem o padrão já estabelecido anteriormente, houve bastante incompreensão e insatisfação do público em geral.

A Arquitetura, como expressão de arte que é, também foi fortemente influenciada por esse movimento. Acompanhando a nova tendência cultural, outros fatores foram também determinantes para o surgimento da Arquitetura Modernista, tais como a disputa territorial durante as Grandes Guerras e os consequentes movimentos migratórios, os avanços das tecnologias construtivas e o advento de novos materiais. Essa nova maneira de pensar a arquitetura rompeu com sua condição histórica e propôs racionalizar soluções dentro de uma visão objetiva.

Sendo assim, a arquitetura modernista se caracterizou pelas suas formas simplificadas, geométricas e desprovidas de adornos. Prezava-se pelo material em sua essência e, por isso, optou-se usualmente pelo concreto, especialmente por este apresentar amplas possibilidades plásticas e oferecer

grande potencial construtivo. A “Casa Modernista”, considerada a primeira residência com arquitetura modernista no Brasil, foi projetada em 1927 e construída em 1928 sob a autoria do arquiteto russo Gregori Warchavchik (1896–1972). A Casa Modernista foi construída para abrigar o próprio arquiteto, que havia se casado com a filha de um grande empresário da elite paulistana. Sua obra gerou diversas discussões entre a sociedade em geral, acarreando até na publicação de artigos em jornais e revistas com opiniões contrárias e favoráveis. Sua obra era tão impactante que, para conseguir a aprovação da prefeitura de São Paulo para construí-la, o arquiteto apresentou no projeto uma fachada elaborada e ornamentada e, ao concluir a obra, alegou falta de recursos.

Entretanto, apesar da falta de aceitação da elite, o governo brasileiro, que na época vivia o período do Estado Novo comandado por Getúlio Vargas, continuou disposto a investir na arquitetura modernista. Para a construção da nova sede do Ministério da Educação e Saúde (MES), que antes funcionava junto a outros ministérios, o ministro da educação e saúde Gustavo Capanema recusou o projeto vencedor de um concurso, pois a proposta ganhadora era a neocolonial com decoração marajoara, e ele ansiava por um prédio inovador e moderno.

Então, em 1937, o edifício do Ministério da Educação e Saúde (MÊS), atual Palácio Capanema, começou a ser construído e, em 1945, foi inaugurado. Atualmente, essa obra é considerada um marco da maioridade da arquitetura modernista brasileira. Depois do sucesso do MES, a arquitetura modernista se torna o estilo oficial das obras públicas, já que o governo brasileiro visava a modernização do país.

Outro marco na história da arquitetura modernista brasileira foi a construção da nova sede do Museu de Arte de São Paulo, mais conhecido como MASP, inaugurado em 1968. Idealizado por Assis Chateaubriand, O MASP é um grande retângulo de 30m x 70m, contém dois pisos e é suspenso a 8m do chão. Cada andar possui 2.100m² e o andar inferior é dedicado à administração e sala de exposição, enquanto o superior à pinacoteca.

Entre as décadas de 30 e 40 do século passado, a Arquitetura Modernista brasileira criou forças. Porém, o seu ápice veio com a construção de Brasília durante as décadas de 50 e 60. Nascida das mãos do arquiteto Oscar Niemeyer e do traçado urbanístico do engenheiro Lúcio Costa, a cidade é a representação da Arquitetura Modernista, não só no Brasil, mas também mundialmente.

Fazendo justiça à sua importância, a nova capital foi decretada Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 1987, o que foi um fato admirável, uma vez que apenas cidades seculares haviam sido tombadas anteriormente. Souza (2009) ressalta essa singularidade quando afirma que “[...] os monumentos de Brasília significam inovação e arrojo para a engenharia e para a arquitetura brasileira”. Sendo assim, Brasília torna-se um local no qual diversos estudos podem ser feitos devido à sua peculiaridade arquitetônica.

Outro grande exemplo brasiliense da arquitetura modernista é o Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília (ICC-UnB). Feita inteiramente em concreto pré-moldado, essa edificação mostra claramente como era valorizada a forma simplificada e geométrica, sem adornos, e o material, em sua essência, justificando a forte presença do concreto aparente em toda a universidade.

Duas outras obras modernistas presentes na Universidade de Brasília são o Restaurante Universitário (RU) e a Biblioteca Central (BCE), ambas projetadas pelo arquiteto José Galbinski. O campus da UnB é um rico acervo da história da arquitetura brasileira e deve ser explorado ao máximo pelos pesquisadores e estudiosos. Sendo assim, essas duas últimas edificações citadas, bem como seu conceptor, serão os objetos de estudo do presente trabalho.

4 O ARQUITETO JOSÉ GALBINSKI

Impactante na cena arquitetônica brasileira, julga-se valoroso usar linhas fazendo um resumo sobre a história de vida do arquiteto José Galbinski. Nascido em 1933 em Porto Alegre (RS), graduou-se em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1957. Em 1968, mudou-se para Brasília devido a um convite feito pela UnB para reabrir a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), que havia sido fechada devido à impasses da ditadura militar, exercendo o cargo de secretário-executivo. O convite foi feito pois Galbinski era um arquiteto que se destacava em sua profissão, e também por já ter experiência em concreto aparente ainda quando morava em Porto Alegre. Cerca de dois meses após sua mudança, foi nomeado chefe da equipe para fazer o projeto arquitetônico da BCE.

Em 1974 mudou-se para Boston (EUA), onde iniciou seus estudos a nível de pós-graduação no *Massachusetts Institute of Technology (MIT)*. No mesmo ano foi para Ithaca, em Nova York, onde por 4 anos estudou na *Cornell University*, onde obteve, em 1978, o título de Ph.D. Tornou-se, assim, o primeiro arquiteto Doutor acadêmico em arquitetura do Brasil.

Com seu estudo e experiência, em 1993 escreveu o livro “Planejamento Físico de Bibliotecas Universitárias”. Lecionou por 25 anos na UnB e foi também diretor do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Amante da arquitetura brutalista, deixou sua marca em diversas obras principalmente de Brasília, como o Pavilhão da Náutica, a Casa Thomas Jefferson e Bando Interamericano de Desenvolvimento. Faleceu em 2023 aos 90 anos, mas não sem antes deixar a sua marca na arquitetura brasiliense e brasileira e inspirar diversos profissionais e estudantes, não apenas pelas suas obras, mas também pela sua pessoa.

Figura 1: Arquiteto José Galbinski.



Fonte: Canal de entrevistas do Tribunal de Contas da União (TCU).

5 A BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A primeira biblioteca da UnB foi aberta em 1962 e funcionava no edifício do Ministério da Educação (MEC) na esplanada dos ministérios. Após a inauguração do campus, a sua segunda localização foi no Bloco de Serviços Gerais 12 (SG-12) da UnB, até que, em 1973, houve a sua mudança para seu prédio definitivo (Santos, 2013).

Em maio de 2016 foi feita uma entrevista pessoalmente em seu local de trabalho, no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), no qual pode-se angariar informações preciosas diretamente da fonte sobre a história da projeção desses dois monumentos que são focos do presente trabalho. Dessa forma, descobriu-se que, entregue em 1969, o projeto da BCE-UnB foi feito por Galbinski em um final de semana, momento em que o arquiteto tinha menos interrupções e interferências externas, podendo se concentrar melhor. Ocupando uma área total de 16.000 m² e projetada para 750 mil volumes, era a vontade do projetista que essa edificação possuísse porte monumental. Vale ressaltar que, por monumental, ele não desejava que a edificação fosse grande, mas sim que fosse marcante e possuísse presença, de modo que fosse um prédio simbólico e que representasse a cultura da universidade.

A Biblioteca está localizada na Praça Maior, local que, de acordo com Santos (2013), foi planejado para receber a biblioteca e a reitoria, que se encontram no local atualmente, além dos edifícios do Museu, da Aula Magna e do Centro de Vivência, que afinal não foram construídos.

Esta foi a primeira edificação a ser projetada para ser uma biblioteca, e também foi a primeira Biblioteca Central do Brasil, ou seja, a primeira a concentrar o conteúdo de todos os departamentos da Universidade, opondo-se ao sistema de bibliotecas diversas que era utilizado até então.

Figura 2: Biblioteca Central da Universidade de Brasília.



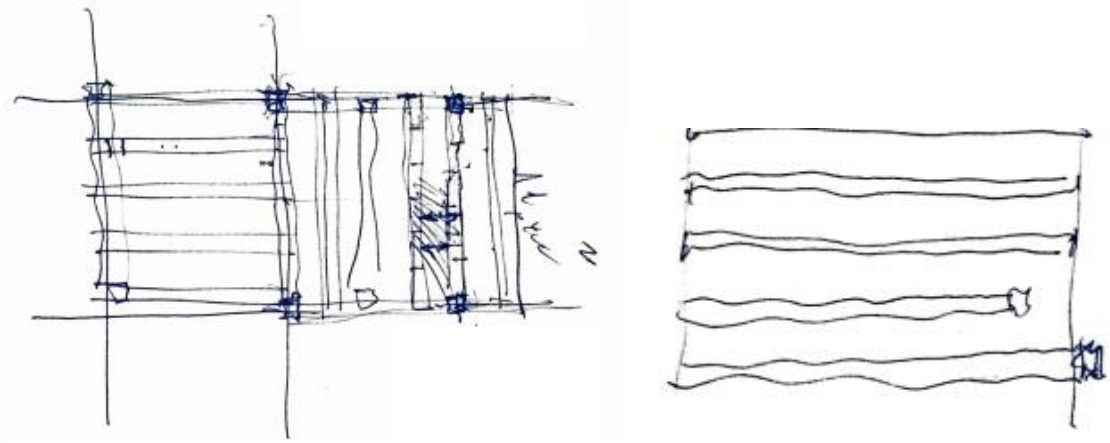
Fonte: Secom/UnB.

5.1 PREMISSAS DO PROJETO ARQUITETÔNICO DA BCE-UNB

Na entrevista citada, informações das concepções de projetos puderam ser adquiridas. Conforme dito por ele, a principal premissa de projeto era que as estantes de livros eram o componente básico de uma biblioteca, principalmente na época da sua construção, quando os computadores não eram amplamente utilizados.

Tendo isso em mente, já no estudo preliminar, a principal premissa do projetista era que as circulações entre prateleiras fossem limpas e isenta de pilares, e que a sucessão de prateleiras seguisse um padrão, não sendo caótico. Isso foi possível de projetar porque, na década de 60, as prateleiras de bibliotecas possuíam uma medida padrão determinada por norma internacional, ou seja, as prateleiras usadas no Brasil possuíam o mesmo tamanho das prateleiras dos outros países. Sendo assim, Galbinski determinou que os pilares deveriam ser quadrados, de modo que permitissem mobilidade na disposição das estantes, e com 51cm de largura em cada face - medida padrão das prateleiras. A Figura 3 apresenta desenhos valiosos feitos pelo próprio Galbinski durante a entrevista para expor o que estava apenas no plano das suas ideias nas premissas de projeto da BCE.

Figura 3: Croquis com as primeiras premissas arquitetônicas da BCE.



Fonte: Oliveira (2017).

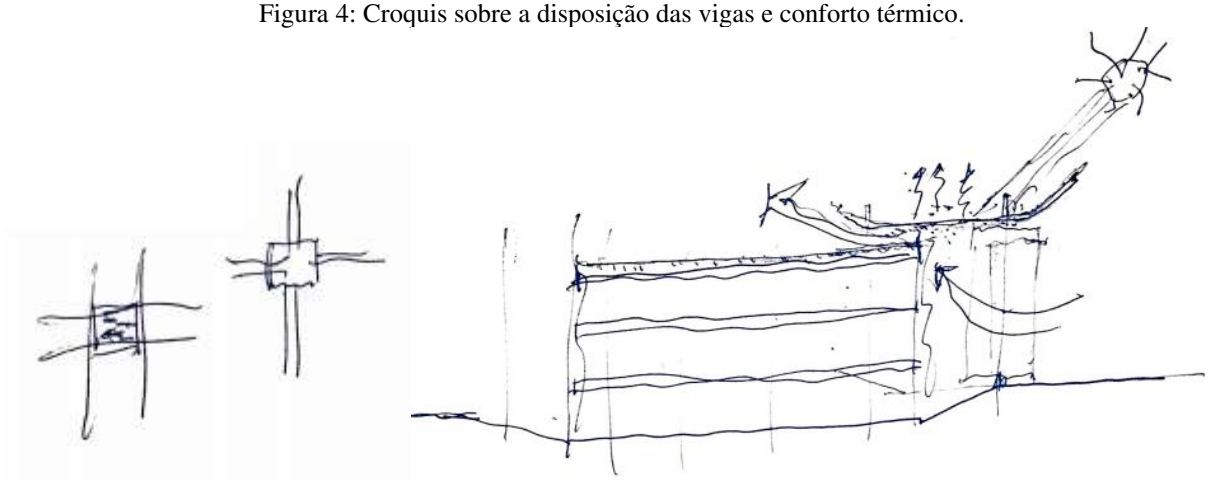
Ainda visando não enrijecer a distribuição das estantes, o arquiteto determinou que a modulação intercolúnia também fosse quadrada, permitindo que elas fossem dispostas em dois sentidos: leste-oeste e norte-sul. Realizando contas simples, através do mínimo múltiplo comum, e baseando-se na medida da face do pilar, Galbinski chegou às seguintes dimensões que satisfaziam a disposição das estantes, seja qual fosse o sentido delas: medida da prateleira mais o corredor igual a 1,47m; distância entre pilares de eixo a eixo igual a 11,76m; e altura do pé direito de 2,94m (o dobro da distância entre a prateleira mais o corredor).

Essas foram as dimensões pensadas por Galbinski de modo que tudo ficasse harmonioso. Ao calculista, ficou a função de determinar a quantidade de aço a ser utilizada, uma vez que toda a fôrma da estrutura foi decidida pelo arquiteto. Por ser uma biblioteca, o peso da estrutura é muito grande e ela deveria ser calculada com extremo cuidado.

Ainda pensando na harmonia do ambiente, Galbinski decidiu que as vigas deveriam ter, no mínimo, os mesmos 51 cm dos pilares para que não ficassem desproporcionais, conforme o croqui de próprio punho apresentado na Figura 4.

A outra premissa é que, para contribuir com o bem-estar dos usuários e com a conservação dos livros, a biblioteca deve evitar sol e umidade. Dessa forma, visando o conforto térmico do local, duas lajes elevadas de baixa espessura (5 cm), sem proteção térmica, nas extremidades da biblioteca foram projetadas. A elevação e estreiteza dessas lajes permitiam que as 10h da manhã o calor do sol já tivesse atravessado a espessura da laje e o ar presente na região logo abaixo da laje ficasse mais quente, ainda que apenas décimos de graus, o que gera um efeito chaminé no qual o ar quente obrigatoriamente sai, impondo a entrada de um outro ar com temperatura mais amena. Esse processo repetido inúmeras vezes no decorrer do dia ventila o local. A Figura 4 apresenta um desenho feito pelo Galbinski mostrando esse esquema de ventilação.

Figura 4: Croquis sobre a disposição das vigas e conforto térmico.



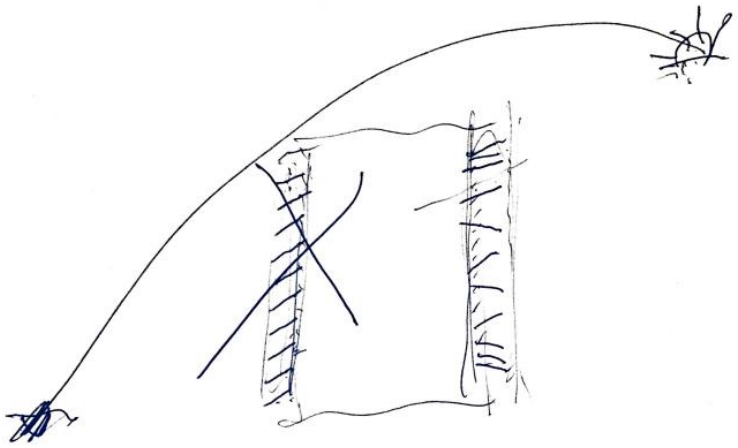
Fonte: Oliveira (2017).

De acordo com Santos (2013), esse prédio foi implantado em cotas mais baixas do terreno para aumentar o caráter monumental da edificação e para deixá-la em harmonia com os outros edifícios da Praça Maior, ao contrário do ICC-UnB, que se adapta às curvas naturais do terreno. Assim, a Biblioteca Central ficou com três pavimentos: o superior, o térreo elevado, e o inferior, no qual metade da altura do andar fica abaixo da linha do solo.

Além disso, outro componente marcante da Biblioteca Central são os brises de concreto pré-moldado que servem para evitar a entrada do sol, que deteriora os livros e impedir que a iluminação prejudicasse a visão dos estudantes, visto que, em uma biblioteca, há quem passe o dia inteiro no local. Para evitar a entrada de grande iluminação natural, nas faces sudeste e noroeste, grandes placas de concretos armado verticais funcionam como *brises-soleil*, limitando a entrada da radiação solar.

Num primeiro momento, Galbinski posicionou esses grandes brises de maneira ordenada, ou seja, todos perpendiculares a fachada. Porém, seu lado artístico achou que aquela disposição estava muito sistémica, lembrando ordinetas do exército em um período em que a ditadura estava auge. Então, em um ato de rebeldia contra a ditadura, ele determinou que os brises fossem dispostos de maneira irregular, porém harmoniosa, através das diferentes angulações que eles foram construídos. Apesar de essa decisão permitir uma maior entrada de radiação solar, o que não era desejado, o arquiteto acreditou que os benefícios dessa decisão eram maiores que os malefícios. A Figura 5 mostra em planta a linha de raciocínio do arquiteto.

Figura 5: Croquis sobre a disposição das vigas e conforto térmico.



Fonte: Acervo Prof. Galbinki

6 O RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Apesar dessa edificação não ter recebido tanto apoio e recursos financeiros federais quanto a Biblioteca Central, uma vez que uma biblioteca por si só possui mais status e representa mais uma universidade, em entrevista Galbinski confessou que foi nesse projeto que se realizou profissionalmente e considerou que havia chegado à maturidade arquitetônica. Com o projeto entregue em 1972 e inaugurado em 1975, esse foi o primeiro restaurante universitário construído com essa finalidade no Brasil, tornando-se referência para os demais que vieram a ser construídos posteriormente.

Localizado acima do ICC-UnB, na direção de sua região central, o RU-UnB é um edifício fundamental para a vida no *campus* universitário. Atualmente, o restaurante serve seis mil refeições diárias. De acordo com Lima (2013), sua área construída é de 6.300m² em 4 pavimentos que contemplam: 1 cozinha central, 6 refeitórios, 6 cozinhas-minuto, 1 restaurante executivo, 8 pontos de caixa, 1 guarda-volumes e sanitários.

Figura 6: Restaurante Universitário da Universidade de Brasília.



Fonte: Arquivo pessoal de José Galbinski.

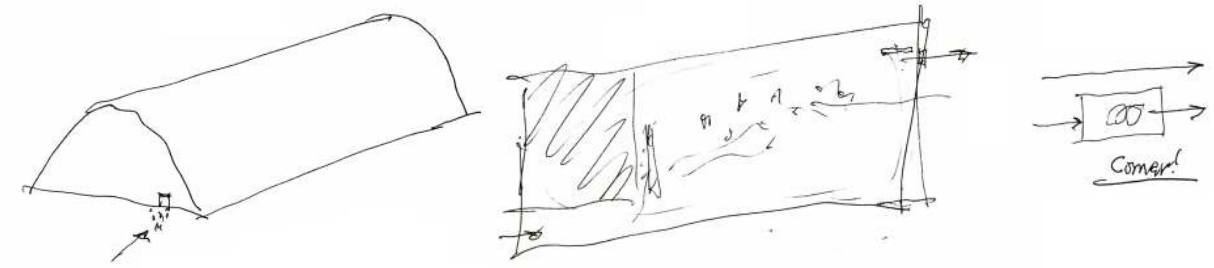
6.1 PREMISSAS DO PROJETO ARQUITETÔNICO DO RU-UNB

Na mesma entrevista, o arquiteto contou que ao ser tomado pelo desafio de projetar um restaurante universitário, foi buscando em sua memória referências de bandejões[1] que já havia visitado. Lembrou-se então do bandejão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o qual visitara quando foi encontrar seu irmão que estudava medicina naquela universidade enquanto ainda cursava seu 2º semestre do curso de arquitetura e urbanismo.

Galbinski relata que o restaurante se localizava em um hangar abandonado, todo fechado, próximo ao Aeroporto Internacional Tom Jobim (GIG). A sensação que tivera ao entrar no local não era agradável, fazendo jus ao apelido que o restaurante recebia dos usuários: calabouço. Neste restaurante, entrava-se por uma pequena porta de um lado, circulava-se dentro da edificação e saía-se por uma outra pequena porta localizada no lado oposto. Dessa forma, o esquema de circulação do ambiente era linear: entravam de um lado do hangar, comiam e saiam do outro, como mostram seus croquis a seguir:

[1] Termo comumente utilizado por estudantes universitários para designar os restaurantes das universidades.

Figura 7: Desenhos das experiências prévias de bandejões de Galbinski.



Fonte: Oliveira (2017).

O arquiteto relata ainda que, devido ao grande barulho no local, as pessoas mal conseguiam conversar e tudo que se via ao levantar os olhos eram pessoas a se alimentar, dando uma sensação manjedoura desagradável. Lembrando dessa experiência, Galbinski se questionou "o que é um restaurante universitário?". E percebeu que essa não era uma resposta fácil de obter.

Visando responder a essa pergunta, ele recordou uma outra vivência que tivera: sua convivência com estivadores do porto, que também possuíam um bandejão, quando ainda morava em Porto Alegre. Então, Galbinski passou a se perguntar a diferença que deveria haver entre um bandejão de estivadores e um bandejão de estudantes.

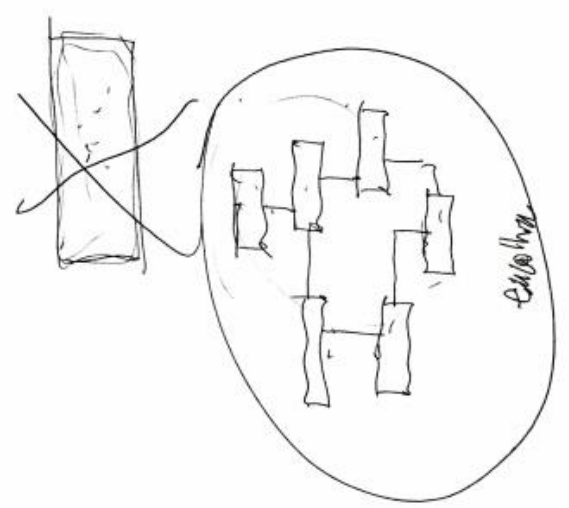
Uma outra experiência que tivera que foi fundamental para que ele projetasse o RU-UnB foi uma visita a um outro restaurante com a mesma organização linear. O diferencial dessa experiência é que neste havia telas de arame com cerca de 1 m de distância entre elas que delimitavam o caminho a ser feito pelos estudantes. Isso gerava uma revolta entre os estudantes, que se sentiam conduzidos como gado.

Assim, através dessas três experiências e após muito pensar na pergunta "o que é um restaurante universitário?", o arquiteto encontrou a resposta: em um restaurante universitário alimentar-se é essencial, porém, é necessário muito mais. O encontro é fundamental. No encontro havia troca de cultura, de notícias, de informação. A socialização era primordial.

Tomando partido dessa premissa básica, o arquiteto projetou o RU-UnB com entrada e saída nos dois lados da edificação, concluindo que a movimentação no restaurante não devia ser linear, mas sim circular. Esse fato simples, muito embora difícil de concluir, foi o ponto de partida crucial para o projeto em questão e todos os outros que vieram a ser construídos posteriormente pelo Brasil.

Visando deixar o ambiente agradável, diferente do grande galpão que vivenciara no restaurante do Rio de Janeiro, o projetista desmembrou o grande salão em seis para que os usuários pudessem escolher onde se sentar, conforme croqui da Figura 8 . Esses salões possuem as mesmas dimensões, mas também contam com diferenças em sua disposição e na sua cota.

Figura 8: Croqui da disposição dos salões.



Fonte: Desenhos feitos pelo próprio Galbinski durante a entrevista.

Estruturalmente, Galbinski decidiu fazer uma malha quadrada de 10m x 10m. Por ser quadrático, ele concluiu que os pilares seriam cruciformes e diminuiriam de tamanho conforme os andares evoluíssem, sendo que, no último andar, restasse apenas o núcleo rígido da cruz, para dar a sensação de leveza.

7 PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS

Na tentativa de quantificar o grau de sucesso das premissas arquitetônicas de Galbinski, Oliveira (2017) aplicou um questionário no qual 50 usuários do RU e 50 usuários da BCE perguntando sobre o conforto térmico, acústico e lumínico desses locais. Nesse sentido, a conclusão foi que termicamente e luminosamente, ambas as obras alcançaram sucesso de suas premissas, ou foram, no mínimo, aceitáveis. No quesito acústico, a biblioteca é bastante vencedora. Entretanto, no RU, o ruído no horário de pico é bastante alto e não foi atingido o sucesso.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioteca Central e o Restaurante Universitário da Universidade de Brasília são marcos na história da UnB, de Brasília e do modernismo e brutalismo brasileiro, área em que o Brasil é referência atualmente. Certamente essas edificações monumentais foram modelos e inspirações para arquitetos contemporâneos e para as gerações futuras. Embora o conforto acústico no Restaurante Universitário não tenha sido completamente alcançado, os níveis de conforto térmico e luminoso foram atingidos em ambas as edificações, ainda que em graus variados. De modo geral o conforto ambiental e visual foram bem-sucedidos. O fato é que a influência, beleza e imponência dessas obras são indiscutíveis, podendo afirmar que as premissas de projeto foram cumpridas.

A possibilidade de mergulhar nessas obras quando elas ainda estavam apenas no plano das ideias e de saber como foi o processo criativo realizações tão belas e complexas é um patrimônio que

pertence à sociedade brasileira, sendo essa a grande contribuição do presente artigo. Com esse estudo, percebe-se que as obras, inovações e pesquisa de Galbinski deixaram um legado brasileiro que ressona mundialmente até os dias de hoje, tanto como profissional arquiteto quanto como cidadão. Portanto a sua missão cumprida, sendo Galbinski a referência do tipo de mente que o Brasil deve se orgulhar de ter.

REFERÊNCIAS

CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO (CBIC). NBR 15575 - Novos padrões de qualidade para construção de casas e apartamentos. Brasília - DF, 2013.

CARVALHO, E. E. T. A arquitetura neocolonial: a arquitetura como afirmação da nacionalidade. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia. Salvador - BA, 2002.
http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/12299

FROTA A. B.; SCHIFFER S. R. Manual do Conforto Térmico. 5ª ed. São Paulo - SP, 2001.

GALBINSKI, J.; MIRANDA, A. Planejamento físico de bibliotecas universitárias. Brasília: PROBIB, 1993.
https://www.scribd.com/document/127175628/Planejamento-Fisico-de-Bibliotecas-Universitarias

KIEFER, F. Museu de arte moderna do Rio de Janeiro e Museu de Arte de São Paulo: paradigmas brasileiros na arquitetura de museus. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre - RS, 1998.
http://hdl.handle.net/10183/1313

KOWALTOWSKI, D. C. C. K.; LABAKI, L. C. O Projeto Arquitetônico e o Conforto Ambiental: Necessidade de uma Metodologia. *In*: ENTAC 93, Encontro Nacional de Tecnologia do ambiente Construído: Avanços em tecnologia e Gestão da Produção de Edificações, 1993, São Paulo. Anais do ENTAC 93, 1993. p. 785-794.
https://www.antac.org.br/anais-c1pyf

LIMA, C. H. M. Brutalismo em Brasília: reflexões e permanências. *In*: X Seminário Docomomo Brasil. Curitiba: PUCPR, 2013.
https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/08/CON_09.pdf

OLIVEIRA, A. L. A. Avaliação das condições de desempenho acústico, lumínico e térmico em edificações de porte monumental: um estudo de caso da Biblioteca Central e do Restaurante Universitário da Universidade de Brasília. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília. Brasília - DF, 2017.
http://dx.doi.org/10.26512/2016.12.D.23055

SANDOVAL, L. C. Brasília, cinema e modernidade: percorrendo a cidade modernista. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2014. http://dx.doi.org/10.26512/2014.10.D.17338

SANTOS, E. D. A. Duas bibliotecas de José Galbinski: "conexões brutalistas"?. *In*: X Seminário Docomomo Brasil. Curitiba: PUCPR, 2013.
https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/08/OBR_19.pdf

SOUZA, D. A. S. A Estrutura do Teatro Nacional Claudio Santoro em Brasília: Histórico de Projeto, Execução, Intervenções e Estratégias para Manutenção. Dissertação (Mestrado em Estrutura e Construção Civil). Universidade de Brasília. Brasília - DF, 2009.
https://repositorio.unb.br/handle/10482/8973